

ASSIGNATURAS	
Trimestre.....	28000
Semestre.....	56000
Anno.....	86000

O PENSADOR

ORGÃO DOS INTERESSES DA SOCIEDADE MODERNA

FUNDO — EA.
 Dissolucão Publica
 "Bancillo Inha"

.. O por non dizeu privali detentores, et circumferant omni voluntariosa, in scripta hominis, in auctoritate caritativeque scripta.
 (S. Paulo, offitina Cap. V, e. 14. R. 1860)

Propriedade de uma associação.

Maranhão, 30 de Maio de 1881

O PENSADOR.

MARANHÃO, 30 DE MAIO DE 1881.

Os nossos adversarios

O padre romano só é grande, quando a occasião lhe permite mentir e calumniar. Mentira e calúnia—lous formidáveis baluartes, dentro dos quaes o padre é quasi invencivel. A mentira e a calúnia são para elle o que o florete é para Cassagnac.

O padre nunca diz a verdade. A verdade é o resultado d'um raciocinio. O padre não raciocina. Se o fizesse n'um dia, despiria a batina no outro. Não pensa. Pensar é illuminar-se. Illuminado, o padre ao contemplar-se teria horror de si mesmo.

O padre não pode deixar de mentir e calumniar. Obedece á uma necessidade, emprez um dever imperioso. Isso tudo é o resultado da situação critica em que elle se acha, é uma prova patente, irrecusavel, de que a sua influencia está morla.

O corpo um estado de putrefacção exalta de si um cheiro fetido, insupportavel, a calúnia e a mentira são o cheiro mio, desagradavel, desse cadaver—o padre.

Para a sociedade adiantada, para aquelles que actua do dogma collocão a razão, para aquelles que tem a historia e estudo a sciencia, o que vem a ser o padre em face do seculo, ante tudo deccremento de luz?—Um especulador ridículo, uma inutilidade que deve ser banida.

Por ventura ha probabilidade, ante as sciencias naturaes que se erguem, e os livros do facolliot que se divulga, d'uma existencia honrosa, legal, util, á uma utilidade que nada mais tem feito do que sacrificar os interesses da humanidade?

Não. O catholicismo impossibilita que o homem se afaste da ignorancia. A cegueira do homem tem sido o sustentaculo da religião. O absurdo só pode existir no embrutecimento do espirito. O religioso não pensa. Pensar é collocar a verdade.

N'um sceno, que nasceu d'uma revolução,—esse terremoto que fez desabar o mundo velho—o padre não mais pode existir,—ou por outra e um obstaculo, uma barreira, á realisacão das grandes ideas.

Cumpre vencer esse obstaculo, é preciso destruir essa barreira.

Sem forças para resistir, por todos hauido como um intruso, o padre, na sua fuga, maldizendo a epocha, condemnando o futuro, nada mais pode fazer do que—mentir e—calumniar.

Concentrarão-se ali todas as suas forças. A potencia de sua grandeza ressumo-se n'isso.

Ataquemos o padre no seu ultimo reduto. Talvez que sejamos victimas ao entrar no covil dessa fera. Não importa. Furgoso é que ella morra.

Matemolá.

Um dia apparecemos na arena do journalismo. Vindamos cumprir um dever. Esse dever era advogar os interesses da sociedade. A liberdade de consciencia ha soffrer oppressão. Opprimir a liberdade é tyrannisar a humanidade. A liberdade faz cidadãos. A tyrannia faz escravos. Os tyrannos são senhores.

A sociedade ha perigar. O padre ro-

umio, o mais perigoso de todos os embusteiros, até então inoffensivo, sentio necessidade de ser aquillo que sempre foi—um especulador.—Essa necessidade do padre equivalia na desorganisação da sociedade. A desorganisação da sociedade é uma consequencia fatal do despotismo.

O despotismo religioso ha pezar sobre nós. O direito de pensar livremente inoos ser roubado. O padre estava preste a metter as mãos no nosso espirito para turturar-nos.

Foi para impossibilitar que o padre romano satisfizesse os seus desejos que nós apparecemos na imprensa.

Moros, scutido em nossos cerebros o palpitar robusto das ideas que agifio o seculo,—em nossas veias, correr o sangue fogoso das modernas gerações,—não podiamos consentir que, em plena epocha de revolução, o clericalismo romano se apoderasse do Maranhão, sem que de nós partisse um solenne protesto. E protestamos. Dahi o—Pensador.

Com independencia do homens de bem, do homens que nunca mentiram, que nunca especularão, que não têm remorsos,—collocando a verdade acima de tudo, nós entramos na luta, com a coragem de quem se vai bater pela liberdade. Travamos uma batalla.

Sacodirão-nos então, ou por cobardia ou por avveja, o epitheto de—crianças?—Ignoravão que o homem não está na idade, e sim no modo de pensar. Quem tem ideas na cabeça é homem.

Não contentarão-se com isso os nossos adversarios. Forão mais além. Encherão em nós aquillo que os caracterisa, que os separa do commun dos homons:—a falta de dignidade.—Dignidade!... Perden-a o padre no dia em que vestio a batina. Vestir a sotaina é deixar de ser homem para ser lartulo. Lartulo não é homem, porque he falta dignidade. O hypocrita não tem brio.

Eis porque chamarão-nos de—pasquinheiros. Não causou-nos admiracão. O padre quando não calúnia um homem,—insulta.—O insulto do padre é baixo. E insulto de sacristia. Parece-nos que na occasião de dizer missa, quando engole Christo e bebe vinho, elle, evangelizando, fortifica, embusteeo os seus insultos na santidade dessas cotas.

Chamão-nos de pasquinheiros. Porque? Pelo simples facto de termos apparecido na imprensa, protestando contra o espirito clerical que nos ameaçava. Por termos dado um brado de—aberta—e dito ao povo—acantela-te.

Não podiamos admitir que um bispo ignorante, o Sr. D. Antonio Candido de Alvarenga, não tendo como tal uma só recommendação para bem desempenhar as suas funções, estivesse no governo da diocese a maltratar a população desta terra.

Não podiamos supportar que um jesuita, um reaccionario, um inimigo declarado do progresso, um soldado do papado, o sr. conego Mourão, viesse á nossa provincia propagar ideas retrogradadas, incutir no espirito do povo os absurdos do Syllabus.

Eis porque somos pasquinheiros. O espirito religioso estava como ainda está, representado nessas duas pessoas. E foi unicamente por isso que tratamos dellas. Do contrario seria dar-lhes demasiada honra.

Não contando com a opposição que fizemos á seus planos jesuiticos, o ultra-

montanismo curaveram-se, e rugio desesperado. A «Civilisação» depois de ter revolvado o lamaçal de seu espirito, remiundo as suas forças; gritou,—são pasquinheiros!—Como se ella nos tivesse concedido licença para isso.

Nosso jornal é um pasquim, dizem. Vejamos. Uma vez um padre, que havia insultado da tribuna sagrada um indultorio inmensa, chamou-nos a responsabilidade, por havermos publicado um artigo que o censurava fortemente; isto é tanto quanto mercia. O nosso pressor apresentou a responsabilidade do autor do artigo. Não aceitaram-na. Apresentamos-nos como editores do nosso jornal. Não aceitaram-na tambem. Corren o processo sobre o impressor. Foi sobre um lesta de ferro? Não. Foi sobre um homem honrado, estimado e frallullador.

Um pasquim tem impressor em tres condicoes? Tem redactores conhecidos? Avesso um pasquim pode ler como advogados tres homons distinctos e importugados pela posição que occupam? Respondei, jesuitas. Calai-vos. Tendes medo, porque a opinão publica está commos.

O que se poderá dizer da redacção d'um jornal, que sendo chamada a responsabilidade, em razão de calumnias publicadas em um artigo editorial, parte esta do jornal peiz qual todos os redactores são responsaveis, solidarios,—em vez de comparecer ella toda, como exigia a dignidade, manda um de seus membros responder por aquillo em que ella toda era responsavel?!

Pasquim é o orgão clerical. Pasquinheiros são os redactores dessa gazeta que, temendo a acção da justiça, forçam um de seus collegas a ser—lesta de ferro—«Phosphora, em todo o rigor da palavra» é esse pobre individuo que está soffrendo por aquillo que nunca fez. Pasquinheiros são aquelles que o obrigarão a representar substituinte papel, e que o comprometterão.

Infames são aquelles que, não se contentando com as emboscadas de consistorio, escondem-se por detrás d'um onte inoffensivo, para fugirem assim a justiça das tribunas.

Infame pasquim é o *Brazil Catholico* que dá uma noticia fundada n'um telegramma falso, aproveitando a occasião para injuriar D. Antonio, chamando-o de ilusttrado. O seu redactor não é padre, porque não veste batina. Mas possui em elevado grão todas as dotes que ornão o caracter baixo e servil dos ultramontanos. E é por isso que elle nos chama—pasquinheiros—e a D. Antonio—ilusttrado.

Se d'aqui he mandassemos alguns mil reis, chamar-nos-ha—semi-denses. Preferimos antes que nos chame pasquinheiros. Insultando-nos, estabeleco entre elle e nós uma grande distancia, o que desejamos que sempre exista. De nunciar algum queremos qualquer igualdade com o redactor do *Brazil Catholico*. Só D. Antonio é digno dos elogios d'elle.

Infame, finalmente, sabe a «Civilisação» quem é? É o padre romano; que, quando não é o oppressor da consciencia, é o ladrão da honra alheia...

Falla-se de decadencia. Quem em noo vive decadencia? O homem de outrora, isto é o homem do prezinto, do preconceito, que do rei admittu tudo e tudo aceita, da igreja. É o homem que não pensa, que foge a toda e qualquer influencia das ideas modernas, temendo of-

fender os mil santos principios da velha politica e da caduca religião.

É verdade, ha decadencia. Porém o que decalhe é o papado, é a indigesta philosophia de S. Thomaz de Aquino, e a moral revelada, é o Syllabus.

Sabeis o que se ergue sobre as ruinas desse passado cruel e tenebroso? É aquillo que não podeis destruir, nada que vos armisicis com os dez mil raios do Christo biblico, é a—sciencia.

O reinado da impostura religiosa não tem mais razão de existir, ante o movimento revolucionario que se opera em todo o mundo. Podemos mesmo dizer que essa crise que atravessamos é a fermentação do futuro da humanidade. O futuro será a morte do padre. O padre é o grande parasita. O futuro será o destruidor do parasitismo. Destruo-o-ha. Destruo o padre é afastar da estrada, por onde passa o genero humano, todo e qualquer perigo, todo e qualquer obstaculo.

Trabalhemos pelo futuro da humanidade, que é trabalhar pela ruina do padre.

A candidatura do Exm Rym Sr D. Antonio Candido de Alvarenga

O mais nobre, o mais santo de todos os direitos do povo, é o da escolha de seus representantes. Constitue elle um patrimonio inextinguivel. É um direito do que o povo deve usar com o maior escrupulo.

Na escolha de seus representantes, elle deve portar-se com toda a dignidade que lle é propria. Deve premiar unicamente aquelles de seus concidadaos que mais se distinguirem por suas qualidades pessoais. Os bens de fortuna, a posição, o credo politico, san cosas de que o povo não deve importar-se. Seus intuitos san mais nobres. Elle deseja a prosperidade geral do país.

Agito-se actualmente, entre nós, duas questões importantissimas—a religiosa e o elemento servil. Da sua prompta solução dependem o bem estar e o progresso da patria. Nellas, pois, devem concentrar-se as vistas dos representantes do povo.

Indivíduos que prometiam a solução de lices questões devem ser os eleitos. O povo, estamos certos, preferirá, quando tiver de dar o seu voto, pessoas habilitadas a resolver essas duas questões pelo modo mais consentaneo á civilisação e á humanidade. Preferirá aquellas, cujos actos os apontarem, como as mais dignas de defenderem as liberdades patrias.

Aquello que se apresentar optando pelo bem estar de uma classe, de um credo politico, de uma corporação, deve ser repellido. Não é digno de occupar o alto cargo do disporitario de honra, vida e liberdade do povo.

Aproximam-se as eleições. Em breve vai ser herdada a campanha eleitoral pelo novo meio—a eleição directa.

A lei que deu entrada no parlamento aos catholicos, libertos e naturalizados, vai ser cumprida. Vao ser excedida essa grande lei. Vao se proceder á eleição dos representantes da nação com ampla liberdade. O povo vai eleger directamente os seus delegados.

Acharam-se, portanto, as candidaturas impostas. Morreram os gremios e directórios. Hoje só se ouvirá a voz do me-

rito real. Hoje só será eleito quem se impo- ser à estampa publica por suas qualida- des pessoais. Os meritos do individuo serão a unica tutela por onde tem de passar. Não mais haverá questão de partidos.

E, pois, baddado esforço apresentarem os gremios o directorio os seus candida- tos. Semelhante apresentação só servira para accentuar a sua derrota.

Es os directórios não se esmeram na escola que fazem. Servem a interesses inconcussaveis. Só desejam que triumpho a sua parcialidade politica. Não importam que o apresentado esteja ou não no caso de bem desempenhar o seu mandato.

Neste caso está a candidatura do Exm. Irm. Sr. D. Antonio Candido d'Alvaren- ga, apresentado pelo directorio do parti- do conservador de Guaratinguá, provincia de S. Paulo.

Bispo, como é, de uma diocese, S. Ex. Rvm. tem restricta obrigação de zelar os interesses da curia romana, de que é soldado. Não pôde, portanto, manifestar-se, com isenção de espirito, n'essa grande questão—a questão religiosa. O paz reclama reformas importantes e inadiaveis. E' opinião geral de todos os brasileiros que o paz não poderá progredir, em quanto houver uma creença que se impo- nha aos seus habitantes. E, pois, de necessidade que sejam decretadas leis sabias, que tratem da separação da Igreja e do Estado, casamento civil, secularisa- ção dos cemiterios etc.

A decretação dessas leis será o bem do povo e o mal dessa moritunda—a Igreja Romana. Ante o bem do povo e o mal da Igreja de que é soldado, S. Exe. neces- sariamente decidirá-se-ha pela ultima. S. Exe. ha de defender a classe de que faz parte. Sofra embora o povo, S. Ex. Rvm. tratará de si e dos seus.

O Sr. D. Antonio apresenta-se defen- dendo os interesses de uma classe. Quer o seu triumpho. E essa é uma qualidade que o inhabilita para a obtenção do lu- gar a que o apresentaram candidato. E não é esse o unico motivo que inhabilita o Sr. D. Antonio Candido d'Alvarenga para ser eleito deputado geral. Outros muitos ha.

S. Exe. não dispõe de uma só das qualidades necessarias para bem desempe- nhar o seu mandato. Homem, talvez de bom coração, incapaz do bem como do mal, fatto completamente de talento, não dispondo de illustração alguma, sem os menores vislumbres de educação, S. Ex. Rvm. dá a mais triste idéa do que, em nossos dias, é o episcopado.

Só a crença absoluta, em Guaratinguá, de uma pessoa no caso de representar, na camara temporaria, aquelle municipio, poderia determinar semelhante apresentação. Só si não houver em Guaratinguá um homem com um pouco de illustração, talento, por mais diminuto que pareça, e algumas noções de civilidade, poderá ser eleito o Sr. D. An- tonio, S. Exe. Rvm. não dispõe de uma particular, ainda que minima, dessas qua- lidades.

E dar-se-ha isso?!... Em Guaratinguá, não haverá acaso um só homem ca- paz de representar esse circulo no parlamento brasileiro?! Não o cremos. Gua- ratinguá pertence á provincia de São Paulo. S. Paulo é a terra gloriosa dos An- dradas.

E a terra gloriosa dos Andradas não si destruhira. Ella não querera descer da posição que occupa, elevando á depu- tação geral o Exm. Irm. Sr. D. Antonio Candido d'Alvarenga.

Semelhante eleição será o saqueio moral do povo de Guaratinguá. O povo não se suicidará. Repeirá semelhante candidatura, como contraria á sua digni- dade.

O Sr. D. Antonio Candido d'Alvarenga não será eleito.

Aggressão mysteriosa.

Deo-se na semana passada, em Santo Antonio, um facto extraordinario que vem lançar uma luz nas tristes occur- rencias ultimamente alli havidas.

A policia, ligando seria attenção ás nossas palavras, pode, querendo, tomar a ponta da negra meada, e descobrir talvez planos tenebrosos que, furtivos len- ta e mysteriosamente na CAVERNA DOS THUGS deroupela, pertubem em um momento dado a paz proverbal dos maranhenses.

Eilo em toda a sua nudez e segundo informação de testemunha presencial.

Conversavam á porta de Santo Anto- nio, por occasião da festividade do mez MARIANO, diversos cavalheiros e entre elles os ilms. sr. dr. João Antonio Gas- quinho, José Maria Pereira de Mesalou- ca, Manoel Gomes da Costa Nunes e Phi- lippe Chiango Borges de Queiroz.

Era assumpto da conversação a guerra jesuitica, em na hora levantada nesta diocese pelo perigoso reaccionario, que a impedia de um livre passo aqui enau- mado.

Externava o sr. José Maria Pereira de Mesalouca, com natural independen- cia sua opinião, censurando energica- mente os desmandos clericos, quando foi ferido em cheio no peito por uma grande pedra que lhe atiraram!

Debalde porra investigaram. O lar- go estava deserto e o mysterioso aggressor não pôde ser visto. No entanto claro e patente fica a sua intenção de fazer calar aquelle que, com a maioria da nos- sa população, condemna o procedimento insolto de meia dúzia de jesuitas trefeg- os e atiradórios.

Será, por ventura, difficil descobrir a mão criminosa, que podia ter morto o sr. Mendonça se o tivesse na frente?

Cremos que não; e a policia cumpre syndicar quanto antes d'esse facto (ão significativo quanto cobarde!

Quem teria interesse em fazer calar o sr. Mendonça? *Cherchez le femme*, dizem os francezes, e *cherchez le jesuite*, dizem nos.

O Dr. Jensen Mattos, advogado d'O Pensador.

No numero 40 da *Cederação* appare- ce um *Aristarcho*. Quem quer que seja o individuo que se tenha escondido por detraz de *Aristarcho*, outro nome não pode ter sonão o de—hypocrita—

A hypocrisia é qualidade essencial, caracteristica, de todo homem fanatico. O fanatico não tem convicções. Abdicou, em prejuizo do genero humano, a sua dignidade de ser pensante. Despo' o fanatico. Encontraveis o invejoso, o invejoso foi Lucifer e rebelou-se contra Deus. Foi Cain e matou Abel. Não ha medida possivel para esse abyssano—a inveja.—) invejoso é insaciavel. E uma das formas da maldade humana. E um dos ser- vos mysteriosos dessa grande noite. Tem os olhos, que só traduzem ambição, abertos sobre o mundo, como enormes bocas de tigres famintos. Das labios escorre- lhe uma coisa seja, que exhalo mais choro- rum, é a—calumnia.—Nmas das mãos tem um punhal que está sempre affiado. O invejoso nunca alca de frente. Deslizan- do-se pelas sombras, elle occulta-se para atacar de costas. Só tem um fim—des- truir tudo aquillo que não poder perien- ceer-lhe.

Aristarcho é um hypocrita, porque é um fanatico. O fanatico é uma machina que se move á vontade de alguém. É co- mo tal é arma vil de que se servem os padres. Erramos, quando, na occasião da luta, em nome de que causa se bate o fanati- co. Dir-vos-ha—pelo padre fulano.

Para ridicularisar o nosso advogado, *Aristarcho* obedeceu ás ordens de alguém. Erramos, *Aristarcho* foi comprado. O hyp- ocrita se vende. Presta-se a tudo e de toda maneira, logo que sinta o cheiro da azulavre. Se a uma de suas mãos mettessem qualquer porção de dinheiro, na outra nam bacamarte carregado, a disses- sem-lhe:—vai matar teu pai—o hypocri- ta, sem vacillar, marcharia, seguro, com passos firmes, a commetter o crime. *Aristarcho*, reptilimos, é hypocrita. A hyp- ocrisia exalta a honra, não dá lugar a um só sentimento bom. Eis porque o je- suita é máo.

O jesuita é a podridão humana. *Aris- tarcho* é jesuita.

O jesuita é um malleitor disfarçado. Se pudesse saltar ao céu, lá em assassi- nar a Deus, porque Deus é o grande bendeitor.

Para conseguir os seus intentos o je- suita toma todas as formas.

Má está a razão porque *Aristarcho*, deixando na sacristia de Santo Antonio os seus habidos usages, appareceu na *Cederação* de 227 com ares de garçao de feira.

Ganera estranhando que se vendes- sem pelas ruas desta cidade, pelo diti- mo preço de 200 res, a dozeja feita ao *Pensador* pelo Dr. Jansen Mattos. Vê nisto um desrecho para o nosso talen- toso advogado.

O Dr. Jansen Mattos den liberdade á *Paravilla* para imprimir e vender o seu escripto, não tendo elle o menor inter- esse material. Inda que o resultado ma- terial da venda dos folhetos reveresse em beneficio da seu autor, o que seria natural, não haveria nisso desrecho al- guém.

Não são essas cousas que desacredi- tam um homem. As reputações bem fir- madas não se abalam facilmente. Quan- do chegam a calhar é que alguma coisa mais do que ellas, se arguem—a opi- nião publica.—

Aristarcho que é ultramontano, censa- ra que se vendessem os folhetos a 200 reis e pelas ruas da nossa capital, e vê nisso uma especie de commercio.

Sabes, *Aristarcho*, ou quem quer que tu sejas, o que é commercio é commercio intoleravel, inqualificavel e abjecto? E o catholicismo romano. Da tua reli- gião tudo se vende, hypocrita! O padre romano é insensivel a tudo neste mun- do, zannos ao luar do ouro.

A mulher quando precipita-se no abyss- mo da prostituição, quasi sempre salva da queda aquillo que vale a pena salvar:—a alma—O padre é mais detestavel que a messalina. O padre é a queda do homem. E neste caso a queda é motiva- da pela ruina da alma. E é por isso que o padre, no mundo das consciencias, exerce um commercio muito mais degrada- dante que a mulher mandana.

A religião do papa é um grande merca- do. Cada templo é um abalço. Ah se vende tudo a cambio a todos os mo- mentos. Enche a bolsa de dinheiro o entra.

—Não vos importeis com o que diz aquelle padre, que está no pulpito. Prê- ga uma moral que elle nunca poz em pratica. Tratemos dos vossos negocios. Queris tirar alguém do Purgatorio? Paga aquelle padre e elle rezará uma missa.

—Queris casar-vos com vossa affida- da? Não é possivel. Paga e sei-o-ha.

—Procuras por vossa filha? Pergun- ta ao confisario.

—Deshouraram-na? Não choreis. Dai dinheiro aquelle santo padre e a vossa filha terá o reino do céu, o que não é pouco.

—Queris ser santo? Legal á igreja algumas summas.

Isso é o que desacredita, e o que abala, é o que arruina, e é o que ha de ajudar a deitar por terra esse obstarco ao desenvolvimento humano—o catholicismo.—

Aristarcho, tu quizeses chamar o nos- so illustrado e sympathico advogado de especulador. Espectulador é aquelle que, em nome de Christo,—essa victima da especulação do catholicismo—faz da reli- gião um meio de vida. Espectulador foi quem armou os povos e os condeiz á Jerusalem para salvar o sepulchro do Christo, quando o verdadeiro fim era a rapi- nação.—Espectulador foi quem invento o Purgatorio. Espectulador é quem vende bentinhos e agua de de Nossa Senhora de Lourdes. Espectulador é o pa- dre romano.

Quanto ao mais que disse *Aristarcho*, não vale a pena responder.—Seria distin- guido. Responder ao orgão clerical é descer. Vem-se sempre supplicado de la-

ma. João Valfem ao sair dos canos de esgoto estava sajo.

O Dr. Jansen Mattos, como juficou- sulle, gusta de uma reputação inatavavel. A sua defeza feita no *Pensador* dar-lhe-ia nome, como advogado, se elle de- ba muito ao o livesso.

Não serao os ataques da *Cederação* que derribarão o nosso advogado da elevada posição que occupa como homem de talento e erudico.

O reptil não pode erguer a massa para esmagar o colosso.

O pasquim clerical

Os jesuitas não se emendam, os igres- da caverua de Santo Antonio continue- assualados e insolubetes.

Vociferando contra tudo e contra to- dos, julgam ellas que por essa forma destroem a pessima opinião, de que gos- sam mescuradamente perante a sociedade dos homens sensatos e honestos.

Transcrevendo diversas descomposi- ções entre as quaes vem uma immuni- ção do Ypiranga, papel porco, que nem no menos merece o titulo de jornal, acre- ditado os infames tortuos que com isso lucrarão alguma coisa.

O tal pasquim sem fundamento algum, sem base, sem conhecimento do facto, acreditando unicamente n'um telegram- ma falso, que de proposito enviaram os rufemens do S. Exe Rvm. e na *imparcialidade* do orgão especial de commercio, affendo n'uma linguagem inaudita, a nossa sociedade em geral mimuscando-a com epithetos miseraveis e só proprios dos redactores do tal pasquim vil e gross- seiro.

O redactor do orgão especial de com- mercio, apaixonado talvez por algum inter- esse futuro, encarregou-se de enlame- ar a sociedade maranhense a que perton- ce o den lugar a que um *quidam* livesso a coragem de chamar a população do Maranhão caualha como se ella vivesse como o redactor do «Ypiranga» na es- trribaria e nos canos do esgoto.

Ampla não é tudo. Depois d'esta e ou- tras descrições deste quato deante das quaes deviam os redactores do pasquim clerical corarem de vergonha, se é que possuem dignidade, apparece a calum- nia.

Educaes na injuria não podem passar sem afriar-se constantemente na acur- tidade, que se tem sabido collocar na posição sublime de verdadeiro chefe da justiça julgam que o nome de um magistrado honrado e intelligente se menoscaba facilmente.

O jesuita é amigo da baixeza e da via- lancia. Ella pertence-lhe de facto o do di- reito. E somente ella se podera encar- gar do diffamar a dignidade alheia.

O Sr. Dr. chefe de policia está acima dos vossos insultos e nem pretendo fazer quatinho a custa de um bispão estu- pido e ignorante.

COLLABORAÇÃO

Mais um passo.

A hypocrisia avulta como a hydra da fabula. Esmagada pela revolução, cifi-a que arremessa contra as sociedades que seguem caminho da civilisação.

Personificada nos sacerdotes de Roma em toda a parte ella está, reaccionarin que ousa impoer o passo a uma gera- ção librorosa.

Mais perigosa do que a prepotencia egipciara dos reis, ella opprime as cida- des, avilta as nações, e, audacia inaudita! tenta subjugar o universo: mais do que o universo—este seculo.

Inspirada por uma politica artificiosa só ella sabe crear vãos simulacros de grandes aspirações e vastas ideas de amor. E assim que em nome do Christo ella impoz a tyrannia no passado e o servilismo ao presente.

A America! A America!—Roma exclam- amos cheio de desmedida ambição, e, como eslamandos abutives, os homens da roupeta dilaceraram um mundo que ape- nas nascia.

O PENSADOR.

(BOLETIM.)

Marchado, 20 de Maio de 1981

AO PUBLICO.

A ignorancia foi sempre o apogio de S. Exc. Rvm. o Sr. D. Antonio Cassido d'Alvarenga. Completamente baldo de recursos intellectuaes, despo de toda e qualquer noção de civilidade, pobre e bem pobre em materia de educação, S. Exc. Rvm. sempre que se dirige ao publico é para cobri-lo de improprias as mais torpes e grosseiras. Calcando aos pés os sagrados preceitos do Evangelho, transformando o verbo inflamado de Christo na linguagem baixa dos mercadaes publicos, S. Exc. Rvm. julga que, arrojando-se do insulto, conseguirá impôr-se a consideração publica e fazer valer a sua auctoridade. Julga S. Exc. Rvm. que assim se vilipendi impune a honra e dignidade de um povo brioso como o nosso.

Engana-se completamente.

O povo maranhense, como todo e qualquer povo civilisado, sabe respeitar a autoridade, uma vez que ella mantem a dignidade que lhe é propria. Com S. Exc. Rvm. porém, não se dá o mesmo. S. Exc. Rvm. é uma auctoridade, que, longe de ter o direito de esperar o respeito e a consideração do publico, adquire, todos os dias, o seu desprezo e empuñação unicas armas, de que um povo brioso se serve contra bispos parvos e ignorantes.

Ante-hontem, na igreja de Santo Antonio deu-se um facto que prova tudo que acima fica dito.

Sob o pulpito S. Exc. Rvm. logo que apparece no sito da tribuna sagrada, alguns circumstantes, comprehendendo de la muito as phrases rudes e inconvenientes de que S. Exc. Rvm. costuma uzar em seus sermões, retiraram-se do templo.

Julgava o restante auditorio, que inmerecidamente lhe prestava attenção, que iria o Sr. D. Antonio desenvolver, eudora com a ineptia que lhe é peculiar, algum ponto de doutrina.

Mal, porém, havia terminado o bispo allucido de palavras que composadamente se chamam insultos, eis que esprece-se da posição que occupa e subitamente vertebra um grupo que se achava reunido junto ao ruzino do templo.

As violentas expressões de que serviu-

se, o seu gesto ameaçador, era mais proprio de um carrasco da inquisição, do que de um ministro da religião que só se ergua por *voz e haugolude*.

Christo só tinha palavras para perdoar e o Sr. D. Antonio só phrases para insultar.

Entre o grupo que occupava o cruzeiro, como tambem em diversos pontos da igreja, achavam-se, o verdade, algumas pessoas que, não guardando o devido silencio, todavia não perturbavam a sua palavra.

Convintimas que S. Exc. Rvm. devia fazer uma admoestação toda cortez, toda evangelica, toda cheia de doçura. Mas não se acorderem S. Exc. Rvm. referiu-se a isso, tremem.

E o bispo tremem. Mas ainda não é tudo. A igreja das juno á grade da nave do templo de uma Moreira, na mesma noite, dava-se um facto quasi identico. Parece que havia uma combinação formal? Empunho o nome de S. Exc. Rvm. não se acorderem S. Exc. Rvm. referiu-se a isso, tremem. E o bispo tremem.

Parque razão S. Exc. Rvm. não referiu a algumas pessoas que em outras lude de reverencia da parte de uma família gares da igreja achavam-se distribuidos? protestando, allucido ás infidelidades do culto S. Exc. isto praticando só teve em vista a ostentação publico sobre o mesmo grupo.

A insolencia de S. Exc. Rvm. foi mais além. Hume dissera do pulpito era apenas uma introdução. O allucido que havia de dizer depois de terminado o acto religioso.

Ainda não havia esgotado toda a hils estúpida.

Sua Exc. com passo grave e semblante carrancudo dirigia-se para lançar a benção canônica. Parára junto á grade. Algumas senhoras dirigiram-se affim de beijar-lhe o anel, e entre ellas algumas rapazes que vinham com suas familias. S. Exc. por esta occasião despeja sobre elles nova burla de insultos torpes e ainda mais violentos do que aquelles que havia proferrido do pulpito. O desprezo foi a unica resposta que, neste momento, teve a insolencia de S. Exc. Rvm.

Convintimos amando pelo silencio que guardaram os offendidos, a influencia do irreflexo e reaccionario bispo sobre o grupo. Os epithetos de *cão, sem vergonha, eis, sem plago de sangue, sem brío e dignidade e pessima educação*. Jerram de Maranhão

Mizéria! Os brios de um povo illustrado são conspurcados pelo verbo violento de um bispo! A tamulha insensatez oppõe-se então a indignação de um dos insultados.

O sr. Antonio Pacifico da Ganda, que achava-se junto á grade, em companhia de uma respeitavel família, toma a resolução de reagir contra tamulha torpesa e a justa indignação de que se sentia, todavia não perturbavam a sua palavra.

O sr. Antonio Pacifico da Ganda, que achava-se junto á grade, em companhia de uma respeitavel família, toma a resolução de reagir contra tamulha torpesa e a justa indignação de que se sentia, todavia não perturbavam a sua palavra.

O sr. Antonio Pacifico da Ganda, que achava-se junto á grade, em companhia de uma respeitavel família, toma a resolução de reagir contra tamulha torpesa e a justa indignação de que se sentia, todavia não perturbavam a sua palavra.

O sr. Antonio Pacifico da Ganda, que achava-se junto á grade, em companhia de uma respeitavel família, toma a resolução de reagir contra tamulha torpesa e a justa indignação de que se sentia, todavia não perturbavam a sua palavra.

O sr. Antonio Pacifico da Ganda, que achava-se junto á grade, em companhia de uma respeitavel família, toma a resolução de reagir contra tamulha torpesa e a justa indignação de que se sentia, todavia não perturbavam a sua palavra.

O sr. Antonio Pacifico da Ganda, que achava-se junto á grade, em companhia de uma respeitavel família, toma a resolução de reagir contra tamulha torpesa e a justa indignação de que se sentia, todavia não perturbavam a sua palavra.

O sr. Antonio Pacifico da Ganda, que achava-se junto á grade, em companhia de uma respeitavel família, toma a resolução de reagir contra tamulha torpesa e a justa indignação de que se sentia, todavia não perturbavam a sua palavra.

O sr. Antonio Pacifico da Ganda, que achava-se junto á grade, em companhia de uma respeitavel família, toma a resolução de reagir contra tamulha torpesa e a justa indignação de que se sentia, todavia não perturbavam a sua palavra.

O sr. Antonio Pacifico da Ganda, que achava-se junto á grade, em companhia de uma respeitavel família, toma a resolução de reagir contra tamulha torpesa e a justa indignação de que se sentia, todavia não perturbavam a sua palavra.

O sr. Antonio Pacifico da Ganda, que achava-se junto á grade, em companhia de uma respeitavel família, toma a resolução de reagir contra tamulha torpesa e a justa indignação de que se sentia, todavia não perturbavam a sua palavra.

VARIEDADES

O olho no porvir.

Lastimava-se muito amargamente o actual chefe de peca—o Mitrado, de se ver tão atrapalhado em sua vida episcopal por esse rapazão infame, que se intitulava livre pensador.

—Nada ha para sustos, responde-lhe sentenciosamente o Castro forte, servendo pelas immundas ventas uma phada de succedendo tabaco. V. Exc. toma?

—Agradecido. Algumas vezes uso, mas não é do fino.

—Mas como diziamos nós, continua o Castro, é pura creanga. Todos ossees meunios, que estão ahí a escreverbar gacetaz nule-dericaz, acrodió V. Exc. que forto meus discipulos e os coheço tão bem como as palmas de minhas mãos.

—Realmente não são elles, que me mettem medo; porque a gallinha, quando não heuve chò ouve pedrada e... O que me assusta é a terrivel maconaria, esse bode infernal, creação de Satanaz.

Desde Paraná até as fronteiras Uruguayanas, desde Tabatinga até o Atlântico, sempre esse brado aterrador: Morte aos Sotanas. Ora vamos, que esses Saldadulas Marinho alcancem o seu desejo, veção satisfaitas as suas aspirações, o que nos resta, padre, o que nos resta?

Ora, o que nos resta? Ora, ora, ora está!

—Sim; não toremos mais a protecção do governo d'esse que seja uma lei a separação da Igreja do Estado e n'esse caso quid facere?

—Muito bem. Haja essa malhita separação e nós viveremos, sempre viveremos, assim ou assado. No Brazil nunguem morre de fome.

—La isso é certo, accrescenta infremetidamente seu Puzeza, se não se rece aqui cere-se ahí, mas sempre se rece.

—Ora cala-te grande pedaço d'asno. Estas a dizer asneiras, retorquiu-lhe severamente o Mitrado.

—Não é tanto assim, torna o Puzeza, pois pode ser que eu me pareça com asno, mas certamente não é sou. Muitas vezes as pessoas se parecem umas com as outras e no entanto não são a mesma entidade.

—Continua o Castro; ora supponhamos que se realize isso, a que V. Exc. chama uma catastrophe o que eu chamaria simplesmente um incidente politico; acaso não tem V. Exc. tão bons dotes campezinos e em lugar de pastor das gentes, não poderá arvorar-se em pastor de gado e tudo está acabado, girando assim V. Exc. sua vida menos mal.

—Tal e qual, diz o Puzeza, e se agora merece a veneração do povo, merecerá mais tarde a dos garrotes. Eis um versio proprio para V. Exc. cantar atraz do rebatido:

Ja fui pastor da gente brasileira
Agora de garrotes sou pastor;
Aos homens, se en tratara com haueza
Aos bichos tratarei com muito amor.

—Mas isso é feio para mim, diz piedosamente o nosso respeitavel Mitrado.

—Não tem feio nem foles de ferro. Na grande republica do Norte, um presidente já heuve, que deixando o lugar foi para a thesouira.

—E não o fizesse, torna o impertinente Puzeza, porque ficava cheirando....

—In partibus vocé tem razão, padre, mas in partibus, não. Pois em não poderie achar um emprego mais proporcional ao lugar, que hoje occupo?

Qual emprego nem miso emprego, homem. Creva V. Exc. que na vida a que lhe aconselho, que siga dar-se-la muito bem e senão veremos. Quando V. Exc. estiver no cumulo da felicidade, exclamará: bem o Castro me dizia....

—Mas se eu for ser o que me acouselhas, o que irão fazer esses meus amigos que me cercão?

—Eu lh'o digo. Esse seu amigo, demasiado magro e que parece mesmo um spectro impalpavel mandará fazer um ni-

Foi a America Meridional que soffreu o ataque violento, porque um povo poderoso e immenso escorregando no declive do Vaticano arrastou consigo um bando de nações. Alagado o Brazil estavam subjugados os pequenos estados do sul. Tudo alcançou essa luxuriosa Roma.

Reciosa, porém, de que um dia o verbo mactico de Luteroo percutirias nas regiões americanas, de inexgotavel exploração, reflectio sobre a vigilancia que devera exercer. Espulsiou-se o clericalismo.

Fomos creados um povo de supersticiosos, dispostos a todas as imposições dos padres de Roma. E, quando la da Europa o facto vulteroso da civilização derramava por nossas cabeças, uma resca de luz, a hypocrisia veio á campo, e a imprensa—creação offida pelos monstros da humanidade—converteu-se em escudo de gazetas catholicas.

Por todas as provincias infiltrou-se o germen da corrupção e mais subtil entre nós. Sob o titulo de Civilização pregava-se o extermínio das instituições democraticas, maldiz-se a memoria de Voltaire e installa-se a loucura do Goethe!

Creou-se uma confraria de mulheres! Apoderaram-se da desgraçada mães e esposas e arrastaram-nas para o antro horrivel da immoralidade. E uma immoralidade a superstição.

O coração de Jesus, o doce e infavel Jesus, foi o pretexto de tão desastrosa ruina da familia!—Vêde essas mulheres de faces empallidadas, que tomarias por espectros da miseria, vult-as sob as abobadas sombrias de uma igreja. Tem os labios ressequidos de beberem as palavras corruptoras de um ministro de Deus!

Oh!... que ellas não são mulheres, nem esposas, nem mães!

Offendendo o triste espectáculo de creaturas fracas, dignas de commiseración e comparavos pela pusyllanidade ao vino dos campos, dobram-se as caricias do furacão, que sepa como a brisa da tarde, para depois impellit-as a um abysmo medonho.

Sob as vistas dos padres de Santo Antonio trabalham secretamente as irmãs do Coração para a fundação da irmandade do Coração de Maria.

Engrandece-se a seita execranda da hypocrisia. Enriquecem os cofres das confrarias! A luxuria bestial se desenvolve! E, no meio de tudo isto realta-se a familia! Assista a miseria do povo, e o amor e a fraternidade sucumbem!

Padres de Roma! Perversores de um povo! Algezes de um scenio! Vos não tremois ajuda! E, monstruosa infelicidade, dizois ás mulheres que abandonem os maridos!... para maior gloria de Deus!

Idé, desgraçadas! Mas um passo, substitui o Coração de Maria.

Psalm.

Que tratante!

Pessoa fidalgua acudia de fazer-nos um communicado, nada menos do que uma proeza de padre.

Indo o nosso informante pedir a um honrado sacerdote, que lhe dissesse uma missa, este recusou-se a pretexto de já haver contratado uma pelo preço de 2\$; se porém, accrescenta o virtuoso sacerdote, o sr. der-me 35000, eu deixarei de dizer a missa para que já fui tratado e satisfarei o seu desejo.

O freguez acceita, e por pilleria mette-lhe 25000 no envelope; pois o padre teve a astucia de mandar colhar um casa do cujo os 15000 que faltavam.

Se fomos fregados, publicaremos o nome d'esse mercador de missas.

Fignida sen padre.

Mira-Usted.

ECHOS DA RUA.

Que differença existe entre D. Gerolamo e D. Anagnostinho?

—Nenhuma, porque ambos são santarrões e já foram validos....

O Dr. Santarrão e o Tenente Grão catholico tambem faziam parte do celebre rol das testamunhas gerbainas.

—Podera. Ha certos typos que são sempre indispensaveis....

Quando o RAPAZINHO Ozorio saiu da audiencia perguntou ao celeberrimo Tolo: podemois sair com segurança?

—Que duvida. Um bom sajeira garante bem qualquer magro jesuita.

O quinto D. Gerolamo disse n'um de seus ultimos sermões esta eloquentissima frase: Serbozes, dizem que o catholicismo está morto; mas esse morto não está morto!

—Vi lá eu que ficas meu pantafão.

Pecados mortaes do Club Gerbaino.

- Soberbia..... Frei Magrão
Avareza..... D. Gerolamo.
Luxuria..... Frei Marrano.
Ira..... A Cacelinha.
Gula..... Vigário de Piracema.
Inveja..... Bristol.
Preguiça..... Frei Tuboco.

Virtudes contra estes 7 pecados.

- Contra a Soberbia. Major Tavares.
a Avareza. O PENSADOR.
a Luxuria. ECHOS DA RUA.
a Ira..... Movimento das templos.
a Gula..... Dr. Bramião.
a Inveja..... João Candido.
a Preguiça. Fugas de passatempo.

Que fim levaram os nojentos pasquins ou cartas de João Gadelhado contra os maçons?

—Coitado do tartufo, quebraram-lhe as ferraduras.

Nos dias em que D. Gerolamo não vai a Santo Antonio, o perigoso importado dá a mão a beijar ao beaterio do coração!

—E' muito petulante este tartufo.

Disse o PAIZ que o menino que frou os cobres de João Gadelhado tinha com elle muita inimizade por causa das lições de catholicismo.

—Eis aqui um facto de que não somos capazes de duvidar.

Dizem que os cobres roubados tinham vindo ultimamente do Pará.

—Seria ainda o resto do patrimonio das duas infelizes orphãs?

Parque motivo assumio o Tenente Grão Chiquinho o exercicio da vara, sem ter sido consultado o digno Coronel Souza, vereador mais votado?

—E' porque elle é catholico sincero....

O rufião Tinoco andava se arrepellando na Praia Grande porque o BEGO ampuñitara a vil comedia forjada contra o CADETE.

—Coitado dos tartufos; deliberam tudo sem reflectir que ainda ha homens de bem.

Dizem que em Santo Antonio ha cadeiras privilegiadas de que as donas podem sair deixando os lenços atados como no Theatro!

—E' depois queixam-se de que haja pateada.

Movimento dos templos. Santo Antonio na ultima sexta-feira:

- Boatas inoffensivas..... 11
Ditas prejudiciaes..... 18
Thesoureira—rotunda..... 1
Zeladora—magruda..... 1
Grande chefe das pagens..... 1
Seu pausinho conhecido..... 1
Sua meringa cebenta..... 1
Jesuitas ordinarios..... 2
Curiosos diversos..... 53

NB.—Seu Puzeza foi e nha Poly tambem.

Saor Pompador.

cho e irá esmolar para a devoção de S. Pudico e depois a maneira do defunto Grillo dividirá a chelpa patacalmente e repimpado nos banhos de San' Anninha dirá, este é meu, esse é do Santo e aquelle é meu. Desta arte firto o cobre phibosphico e ignobante repartido.

A carreira, que prodigo ao celeberrimo Sr. Guedelha não pode ser melhor. Não ganhará elle muito mexericando, hebellenteando e estunniando a humanidade?

Notar-se-ha apenas uma differença entre a sua vida presente e a futura e é que, se hoje elle é hypocrita de latina amantã selo-ha de cazaca.

O nosso Miranda, com alguns dotes militares, que possue; pode ir ser, com licença de V. Exc., corneta no 3.º.

O Ozario que agora illicitamente namora, passara a ser um namorado licito e depois de casado com a moça, que alias possui um gordó dote mapal-a-ha plantar batatas.

E proprio de seu caracter. Quem serve de teste de ferro, pode ser um pessimo marido.

Seu Marinho dá perfeitamente para chamo de circo, por isso que tem uma cara indecente, vendelero ar de chavato.

O Baptista irá para a vida velha; botadouro no caso.

Esse barbadinho, que por ali vaga com capa de missionario apostolico, como carcanhão, que n, irá locar realjo.

Mira-Usted fundará um observatorio, senhor observatorio, ali fará as suas observações meteorologicas e assim dedicará suas vistas somente aos astros, farlo e aborrecido, como está de olhar para a humanidade.

—Homem, você é um padre ás direitas; dá remedio para tudo.

—Menos para a morte.

—Conte-me agora o seu destino.

—Ea... ora... eu findo uma companhia de salfinbancos e pereiro todo o nosso interior; vou ao Curupiti, olé se vou... Lá en sou trunfo. Parece-me que já estou todo enfiado a pular e a cantar.

Fui padre outr'ora
Mas hoje, não;
Sou salimbanco
De profissão.

Neste interim Castro forte dá um espirito e o Mitrado obsequia-lhe com um amavel: Domingos tecum—e mais que satisfaitos com a sua boa estrella (não é a do Oriente) ficario com o olho no porvir.

29—5—81.

A. F. Z.

CRONICA

Antes de fornecerem ao leitor a doze de frioleiras que elle está habituado a server de dez em dez dias neste tanto mal aproveitado d'O Pensador, convem esclarecer um ponto, que a Civilização emilit, quando patententeo ao publico desta incredula cidade o que nos somos no rol das cousas.

Disse a divertida folha catholica que nós somos phosphoro, que somos vis covardes que não assumem a responsabilidade do que escrevem, assassino, traicivo, que disparamos o tiro por de traz do pao, vil canalha audaz pela conveniencia dissimulada da polleia; grafanhotos de cara de homem sahidos do poço do abysmo.

Disse tudo isso e muitas outras cousas desso then—arregaçou as saias o demonio da regalaira, paz as mãos nas cadeiras, escancarou a bocca e—tome dos compustura—xingou-nos como uma praieira, a desbocada!

Conthido não disse o melhor, atirou-nos ás pernas os seus tamancos, porem esquece-se do principal, esqueceu-se de declarar que somos pandegos!

Sim, tia Civilização, é força confessar que tu, ó bicha assanhada, esqueste-te de declarar que somos pandegos! No ten

furar hysterico, e velha cabugenta, esquece esta face hedionda de nosso caracter.

Es necessito-te que ainda não temos a idade para a qualificação, o que, si por um lado nos confere o titulo de covardes, que não assumem a responsabilidade de seus escriptos, dá-nos por outro o direito de ser alegres e divertidos.

Sim, farpella de nossos pecados, occupando tu esbravejas assanhada como uma gata, nos riuos de tuas fúrias e te batemos nas orelhas com a biqueira da badine.

Ah! continua! continua a saltar, macaca enfadada, dousa no hysterismo do tua birra, que nós cá estamos para applaudir e gostar.

Vamos! salta ali defronte de nós, que, longe de correremos contigo, te havemos no fim da pandega de atirar-te com um bond para res beber um trago a esquinha.

Descança, que não nos encommoda—esperança p'ali a vontade que, quando excofilaras tanto do que manda a decencia e o decoro, o mais que te poderemos fazer, é gritar a uma orelha—Avorta o passo, callamaco!

Vés tu, o fia, que não nos podemos zangar! somos moços e alegres—temos magníficos estomagos, não ha olhos nestes corações, não ha lúllas cá por dentro—hoje estouramos com as tuas grossseiras e amanhã temos vontade de mandar te servir pelo Lassistan um prato de macoças.

E como não ha de ser assim?! que motivos temos nós para viver tristes?! —Nenhum! Nossos esforços são coroados pelo melhor exito!—o trabalho diario chega-nos para viver decentemente —o dinheiro nunca nos sobra nas algibeiras, porém nunca falta—a melhor sociedade maranhense abre-nos francamente suas portas—temos o nosso lar, docemente aquecido pelo amor de nossas famílias e vivamente illuminado pelos raios do riso e da paz, que nelle penetram como um sol de primavera—gostamos entre o publico do melhor conceito, nunca nos viram embriagados ou praticando acto algum que desacredite—Temos uma namorada, que confia em nosso futuro e espera estender sua unhoisua fina e delicada sobre a nossa mão grossseira e mascula—não somos uma pintura, porém também não somos tão feios como o padre Mirasol.

Enfim tudo o que constitue a felicidade de borueza dos homens pouco ambiciosos—nos possuímos—nossa consciencia é branca, nosso outro limpo, nosso habito fresco, nossa saude esplendida, nossos dentes vigorosos. O que nos falta pois?!

Nada!
Nada!
Temos a paz no espirito e a alegria no coração.

Podes gritar! berrar! agatanhares-te toda, mortifres-te a vontade e até estoirar, que não conseguirás com isso nem de leve perturbar a doce tranquillidade de nossa existencia.

Olha! somos tão felizes que até escampamos de ser academicos. A academia, que tem corrompido tantos desventurados com a sua meia sciencia, a academia, filla, poupon-os. Aqui onde nós vés, não somos academicos, cre?

Por conseguinte ouve lá um conselho—si esperas nós rallar com as tuas descomposturas indecentes e toleironas, trata de outro officio, porque nós resolvemos não ligar a menor importancia aos teus grunidos.

Nós o que queremos é que os padres não fiquem por cá o que costumam fazer nas outras provincias; para isso estamos de olho vivo—á primeira palitaria que qualquer um dellas faça, saltamos-lhe logo no gasseto (figuradamente, já se vê) e obrigamo-l-o a portar-se como homem de bem.

Metnam-se elles somente com a sua vida, e cá está quem não querera saber si passam bem ou mal.

Por tanto, por mais que digas e repi-

las que somos pagos pela Maganaria para insultar o bispo, por mais que declares que somos almas perdidas e damnadas, cujo unico fim, escrevendo o Pensador, é arranjar uma passagem para o inferno, por mais que digas o que entendes, larguinda de uma liga! nós condunaremos no proposito de defender esta pobre terra dos laços que tentam armar-lhe os jesuitas.

No fim de contas é preciso ser bem tolo para não comprehender claramente que nós, rapazes que não vivemos do Pensador, que não temos, querendo meia duzia de especuladores, outro interesse alem do de evitar a influencia perniciosamente vellada do padre sobre a melhor maranhense, não tinhamos necessidade alguma de nos estar a encommodar com o que faz este bispo ou aquelle conego, si este conego ou aquelle bispo não quizesse fazer de nós—tolos.

Sim! —nós individualmente tanto litravamos em defender a egreja, como em accusa-la—não nos vem d'ali a superior allargação para os nossos interesses particulares.

Ao passo que com o padre succede justamente o contrario—é bastante o desgraçado, já não diremos protestar contra os abusos da egreja, porém simplesmente não puctuar com as morbididades da sagrada paróchia, para succed-lhe logo o que succedem com o dito senhor padre Gervasio, com o synpallizo padre Sudré e com outros victimas de sua independencia.

O padre, que não sustenta as theorias da Celsissio, morre de fome. E a consciencia por mais alto que grite nunca conseguirá supplantar a voz impertinente do estomago.

Ora, admittamos a hypothese de que um padre, como o senhor Bispo, por exemplo, pensando no recolhimento de seu quarto, chegasse a conclusao de que a religião catholica romana é uma grande patacada; (simples hypothese) que o ritual romano é uma burla; que todo o ceremonial da egreja é uma verdadeira puleira; que a confissao é uma velhacada; que o jejum é uma lalice; que a extrema unção é uma palhacada.

Admittida esta hypothese—o que nesse caso podia fazer o senhor Bispo ou o supposito senhor padre?!

Fazer o que fez o padre Nascimento ou o padre Dias, que exerceram os olhos de Roma?!

Mas esses tinham recursos—fallar-lhes com o rompimento da egreja, o que dellas ganhavam, porém iam tratar da vida por outro modo; mas um pobre padre tolo, um padre que saíra somente dizer a sua missasinha e cantar o seu sub-tenentes ou rezar a sua ladainha, esse padre o que deve fazer, caso a consciencia proteste contra o meio de vida que elle abraçou, ou que, como geralmente succede, fizeram-no abraçar?!

Regrir contra a egreja?!

Não! porque não tem com que ganhar a vida de outro modo. O que elle aprendeu para ser padre só pode servir para ganhar a vida como padre.

Nesta dolorosa contingencia o desgraçado mede os caminhos que tem a seguir—de um lado a miseria nua, desampadada, sem um travesseiro, sem um pão e sem uma vela; e do outro a bella parochia, resplandecente de bons perús, bons capados e uma terra comadre para servir o caldo.

Não ha que hesitar—venha a parochia, a rica parochia, a paróquiasinha de minha alma!

—Mas você, seu padre, tem de defender a egreja, acompanhar todos os paroceros do bispado, sustentar a infallibilidade do Papa e tratar dos interesses do orden!...

—Deficido! defendo tudo! defendo o diabo si quizerem; com tanto que não me deixem morrer a fome!

E si este typo, que é o typo geral do padre, souber dizer alguma cousa por escripto, no dia seguinte sustenta a imbas e dentes que *Volluo* é um damnado, que *A. Conte* é uma besta, que *Luthero* é um

parco de sensibilidade, que *a diabo é o diabo* e *o capaz de educar o vido da cruz do padre Juaze* e *que não acredita em abutia e nos seus tentorios e não acredita em Deus e nos seus indagos.*

E, si apparecer um grupo de rapazes, que não precise sustentar esses absurdos para ter o que comer, e disser francamente que tres absurdos não passam de uma especulação torpe e vil, o padre que exercen os supraditos absurdos, molha até o cabo a penna no seu fiteiro de borra, e escreve contra o grupo dos rapazes justamente o mesmo charlho de desafios que a *Celsissio* escreveu a nosso respeito.

—E então o grupo?!

—O grupo nesse caso deve responder o que effectivamente respondemos—estas simples palavras:

—Olá, seu isa! para cá vem de carinho! outro officio!

E o mais, creiam os leitores, que é estar a gastar cera com muito rumo de fumo!

No ultimo numero a *Celsissio* tratando do chronista d' *O Pensador*, diz algumas chalaças a respeito delle e conta, como um facto escandaloso, haver o chronista se encarregado de redigir a *Paróchia*.

Oh! a *Celsissio* tem toda a especie de razão—o chronista, antes de aceitar a convite que a empresa da *Paróchia* offerecera-lhe com boas vantagens, devia, de chapéo na mão, ter primeiro sollicitado do bispado jornal catholico a indispensavel venia para isso.

E porque a besta do chronista não podia a indispensavel venia, diz com toda razão o jornal fiendo que o chronista é um *Tactico*.

E que por ser Tactico arvorou sem recelo o penhão da revolução, elegion nihilistas, communistas e quejandos amigos da *liberdade*, que ensanguentam a Europa.

Por tudo isto não porquemos duvida em ficar de accordo, com tanto que a *Celsissio* se digue confessar-nos, ei em segredo, que a diabo de hebra tomou seus redactores na occasiao de escrever a folha.

A trapalhada que vem no ultimo numero da *Celsissio* só pode ser explicada por um grande parco.

Ora, si a cousa é esta, cumpre-nos declarar que a devota folha faz muito mal em andar tomando suas bebedeiras para insultar quem passa sonegado seu cabelho!

Beba-lhe! que diabo! —beba-lhe a vontade, mas faça como aconselha a virtuosa autor do—*Tobos bebem*—molha-se em casa e não encommode o magisterial!

Por conseguinte visto não podermos responder com a ponta do nosso chicote, á todas as insolencias que disse a *Celsissio* a respeito do *chronista do Pensador*, respondemos com as seguintes palavras:

VAI GISSER A MONA, SUA PIRCA!

Temos de encerrar este numero com algumas palavras tristes.

Enterron-se auto-hontem um dos homens mais notaveis do Maranhão—o Dr. Frederico José Corrón.

Formou-se em Pernambuco e, apesar das circumstancias maledicas da vida, nunca perdeu o gosto pelo bello—foi cultor infatigavel da litteratura.

Deixou varios livros—de critica, philosophia, poesia e estudo de lingua. Possuo uma alma forte em um physico rachitico—seu temperamento nervoso e excessivamente irasivel segregaram-no do resto da sociedade.

O Dr. Frederico vivia só com a familia, fechara-se no seu isolamento e pouco se encommodava com o que ia pela vida exterior.

Foi um valente trabalhador no gabinete, porém um fraco homem na sociedade—tinha a alma forte, vigorosa, temperada pela dignidade e pela ambicão de gloria, porém o corpo fraco, doente, enervado pelas deceções constantes da vida.

O mau estado do corpo não raro alloudiar o espirito—em alguns de seus trabalhos nota-se o grande tedio dos homens enfadados.

Contudo teve uma vida útil e deixou vestigios de sua passagem. O Maranhão deve-lhe uma boa parte do movimento intellectual que hoje assusta o jornal *Celsissio*. Si o dr. Frederico nascesse apenas ha vinte annos, palitaria agora com a geracão que se levanta ruidosamente e não soffreria uma velhice tão apoucada.

E o grande mal dos velhos de hoje, cotados!—O haver nascido pelo tempo do recrutamento para a philosophia melancolica de 1820.

Essa philosophia de 1820, que vicia todos os ramos do conhecimento humano, uma vez introduzida em nossa cabeça, não pode ser arrancada sem levar consigo os titulos.

O dr. Frederico conservou-se fiel ao credo que abraçara no seu tempo de estudante, porém soffreu mais tarde a comprehensao de que essas crencas não satisfaziam um coração vulgar, quanto mais um coração grande como o seu.

Calculamos que padecesse muito—são dolorosas certas duvidas!

Restou-lhe porém uma vasta consciencia do mirraço de suas illusões—foi o prazer incomparavel de saber ser um homem de bem—a honradez de seu caracter sempre andou de parrelha com a lucidez de seu talento.

No exercicio de seus deveres juridicos foi irrepugnavel; no desampou de seu papel como ribaldão foi de uma rectidão sem limites.

Si deixou inimigos não os conhecemos, amigos sabemos nos que deixou muitos.

Archiando nestas paginas o nome venerando do Dr. Frederico José Corrón, balhamos em vista o enaprimento de um dever—as palavras porém não correspondem a intuição. Aceitamos contudo o publico, não pelo valor que ellas representam, mas sua pela idéa que as ditou.

A VISO.

Termina com este numero o nosso terceiro trimestre; e por isso lembramos aos assignantes, que se acham em atrazo, que as assignaturas devem ser pagas adiantadas.

O jornal continuará com independencia sua espinhosa, porém benéfica missão.

EXPEDIENTE.

Recebemos os seguintes jornaes:

«Gazeta de S. Paulo»; O «Liberal» (Macerio); «Le Messager du Brasil» (Córte); «Gazeta do Aracaju» (Sergipe); e «Gazeta do Baúru» (Gará).

As illustradas redações agradeceremos e em troca retribuiremos o nosso periodico.

Recebemos tambem o prospecto do «Futuro», novo jornal que se vae publicar nesta cidade sob a direcção do Sr. Manoel de Bethencourt.

Agradecemos a finesa e ao mesmo tempo desejamos ao collega um risinho porvir.

Maranhão.—Typ. de Fris & Filho Imp. por Antonio J. de Barros Lima.